

Coração Eletrônico



TULIO FERNEDA

Coração Eletrônico

Tulio Ferneda

.

.

.

Ferneda, Tulio

Coração Eletrônico / Tulio Ferneda.
Bragança Paulista: edição do autor, 2025.

ISBN: 978-65-01-63483-8

1. Literatura infantojuvenil. 2 Ficção científica
I. Título

CDD-028-5

Bibliotecária responsável: Samanta do Prado CRB/8 SP-010477/O

Licença de uso

Todo o conteúdo desta obra pode ser utilizado sob a licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

Você deve dar crédito ao autor original.

Você não pode usar o material para fins comerciais.

Você não pode alterar, transformar ou criar a partir da obra original.



Sumário

Era 2095	07
Um Menino Solitário	13
Um Presente Especial	19
Robb 8128.....	30
Mapeando Memórias.....	39
Flores, Insetos e Pai	46
Balões e Doces.....	57
Mapas, Circuitos e Mãe.....	66
O Castelo.....	74
O Mundo lá Fora	81
Uma Amizade Inesperada	91
Reparações	100

Era 2095

Nossa história começa no ano de 2095. Nesse tempo, a tecnologia já alcançou feitos incríveis. Cada pessoa tem um Holo Tab, que é um aparelho portátil capaz de projetar uma realidade virtual ao redor do usuário. Uma vez projetada, ela funciona como um ambiente pessoal com todas as funções disponíveis: comunicação, jogos, estudo, trabalho, navegação na Quantum Net e tudo o que puder imaginar. Os antigos óculos de realidade aumentada parecem relíquias do passado na comparação.

Tem até um programa que faz uma leitura do corpo humano para mapear todos os detalhes da saúde de uma pessoa, de forma instantânea: apresenta os gráficos e projeções mais prováveis da saúde, para os próximos anos, e indica os melhores tratamentos disponíveis. Tudo isso com um lembrete de que um médico deverá ser consultado.

A Quantum Net foi a inovação que revolucionou a antiga internet. Com o avanço da computação quântica, a internet quântica era apenas uma questão de tempo. Ela chegou por volta dos anos 2040, mais rápida e com novas possibilidades de interação e compartilhamento de memória. Até a pesquisa espacial se beneficiou com ela e a humanidade já conhece muito mais do espaço sideral do que poderia imaginar. Mas o que interessa mesmo é saber o que aconteceu com o planeta e com as pessoas nesse tempo.

A crise ambiental até meados do século 21 foi realmente séria. Muitas pessoas negavam isso, mas a verdade é que a ação humana sobre a natureza sempre foi muito negativa: por muito tempo destruímos florestas, poluímos rios e oceanos, não cuidamos bem do nosso lixo e liberamos gases tóxicos na atmosfera. Não cuidamos da flora e da fauna como deveríamos. Então o planeta foi adoecendo, o que gerou desequilíbrio ambiental e

climático no mundo todo. O ser humano foi adoecendo junto.

Ainda bem que aconteceu a Grande Conferência Mundial do Clima em 2051, que entrou para a história como a maior e mais importante conferência climática já realizada. Foi a maior porque teve a participação de todas as nações do mundo, grandes ou pequenas, ricas ou pobres. E foi a melhor porque ali foi tomada uma decisão chave para salvar o planeta: os povos indígenas foram nomeados embaixadores do clima e do meio ambiente, ficando responsáveis por criar uma política ambiental mundial. Isso mudou tudo.

Com a sabedoria dos povos ancestrais, combinada com o avanço das tecnologias limpas, a humanidade finalmente fez as pazes com a natureza. Para isso, o modo como construímos as cidades mudou radicalmente.

As ecovilas começaram a se tornar cada vez mais populares. No início, eram apenas pequenos povoados em áreas rurais, com casas totalmente

ecológicas e agricultura familiar. Com o tempo, elas cresceram em número e tamanho. Não só o planeta agradecia pelo ar puro, as pessoas que moravam nelas viviam mais felizes. Nos anos 2060 o mundo já conhecia as primeiras ecocidades. E na década de 2090, a maioria das cidades já havia passado por uma transformação.

Como eu disse, a história que vou contar começa em 2095 e nesse tempo as cidades já são completamente diferentes. Quase não há mais ruas pavimentadas, muito menos automóveis para cada pessoa ou família. Ao invés disso, as pessoas usam trens de energia solar e alguns veículos menores compartilhados, todos conduzidos por robôs. A poluição e os acidentes de trânsito diminuíram consideravelmente.

E as cidades são repletas de vegetação por todos os lados. As grandes metrópoles substituíram boa parte das ruas e avenidas por jardins e pomares a perder de vista. No meio deles passam os trens ligando tudo. Nos terraços de todos os prédios, em

cada sacada, em cada área onde há alguma exposição à luz do sol, há canteiros de plantas e flores, trepadeiras, jardins verticais que sobem acompanhando a arquitetura dos edifícios.

Mas o melhor mesmo são as pequenas cidades do interior. Estas se tornaram grandes vilas ecológicas. As casas são espaçadas, com pequena área coberta e maior espaço de terreno para o plantio. A agricultura passou a ser ensinada em todas as escolas e a fazer parte do dia-a-dia em todos os lares. A humanidade se reconectou com suas origens. As pessoas começaram a ter mais saúde, mais alegria e menos doenças. E o ritmo da vida voltou a ser mais lento, respeitando o ciclo das estações do ano.

Nesse novo mundo, ninguém passa fome. Não se precisa mais de muito dinheiro para viver bem. As pessoas trabalham nas plantações, para obter o alimento da família e vender o excedente no mercado, ou atuam nos centros de pesquisa,

criando inovações tecnológicas. O plantio também foi facilitado pelos robôs assistentes.

Mas nem tudo é simples nesse novo mundo. Com todas essas mudanças, o ser humano teve que reaprender a viver em comunidade. Muitos de nós haviam se esquecido de como fazer isso. E para algumas crianças, em especial, eis um dos maiores desafios do crescimento.

Um Menino Solitário

Chico era um menino solitário. Não por ser sozinho no mundo, mas porque ninguém parecia compreendê-lo. Enquanto muitas crianças gostavam de mexer na terra, brincar nos campos e cuidar dos animais, ele só queria ficar em casa, jogando seus jogos favoritos no Holo Tab. Gostava mais do mundo eletrônico.

Ele estava quase completando oito anos de idade. Morava com seus pais, Clara e Rique, numa ecovila chamada Aurora. O menino pertencia a um grupo de crianças relativamente comum naquele tempo: ele tinha TECC, algo que os especialistas chamavam de Transtorno Eletro-Cognitivo Comportamental. Eram crianças tão habituadas com os estímulos eletrônicos que não conseguiam se conectar com outras coisas.

Acontece que, por muito tempo, a humanidade considerou normal as crianças passarem horas por

dia interagindo com as tecnologias. Os adultos faziam a mesma coisa. Mas depois da revolução ecológica, a vida mudou e as ideias sobre educação, infância e crescimento também. Só que nem todos se adaptaram bem a essas mudanças.

Já fazia anos que o Chico não saía mais para brincar no jardim. Ele passava as horas no seu Holo Tab, explorando mundos inteiros em uma rica e complexa realidade virtual. Não queria saber de brincar com as crianças do bairro ou fazer outras atividades em casa. Na verdade, ele quase não saía do quarto, nem mesmo para as refeições. Quando saía ficava triste e ansioso para voltar ao seu reino solitário.

Clara e Rique chegaram a pensar que aquilo era só uma fase, que com o tempo ele voltaria ao normal. Mas com a proximidade do aniversário do filho, eles voltaram a discutir o assunto:

— Ele já vai fazer oito anos. A ideia de dar um tempo não tá funcionando. — Disse Clara.

— Eu sei... Penso nisso todos os dias. Achei que nossa mudança pra cá faria bem a ele. — Desabafou Rique.

A família morava antes em uma cidade grande e se mudou para a pequena ecovila de Aurora com a esperança de que Chico fizesse novas amizades.

— Eu também... Mas ele passa cada vez mais tempo no quarto, jogando. Não é melhor proibir o uso do aparelho? — Questionou a mãe.

— Acho que não. Lembra o que os médicos disseram? Proibir pode piorar a situação. Temos que achar uma forma de chegar até ele. — Ponderou o pai.

— Eu já tentei jogar com ele, mas não resolve. Temos nossos momentos, mas é só isso. Outro dia o convidei para acampar no jardim, mas ele se recusa. — Disse Clara, suspirando.

— Eu não sei mais o que fazer... — Admitiu Rique.

— Bom, tenho algo em mente. Acho que nosso filho vai gostar.

Rique olhou para a esposa com surpresa, pois ela falava com uma renovada esperança no olhar.

— O que é?

— É algo em que venho trabalhando há um tempo.

— Aquele seu projeto da garagem?

— Esse mesmo. Venha, vou lhe mostrar.

Então, ela conduziu o marido até a velha garagem da casa. As casas antigas ainda tinham garagens, mas como as famílias não tinham mais automóveis, o espaço costumava ser adaptado para outra finalidade. Como Clara era uma notável engenheira, fizeram da garagem um pequeno galpão de trabalho. Nos últimos tempos, ela vinha dedicando muitas horas a um projeto secreto.

Quando removeu o lençol que ocultava o projeto, Rique finalmente entendeu do que se tratava:

— Um robô? Meu bem, você fez um robozinho?

Era de fato um robozinho, humanóide com pernas e braços metálicos, mas da altura de um

menino de oito anos. Tinha uma face eletrônica amigável, uma anteninha bem no topo da cabeça e um corpo que parecia meio gordinho.

— Olha, sei que parece loucura... Mas o Chico não conversa com nenhuma criança. Ele só gosta dos eletrônicos. Talvez um robô possa se aproximar dele.

Rique hesitou. A ideia da esposa até fazia sentido, mas ele tinha medo de uma coisa:

— É lindo... Sei que deve ser muito simpático também.

— Sim, eu inseri um chip de inteligência artificial feito especialmente para interagir com crianças.

— Mas e se o Chico aprender a interagir só com robôs? E se ele piorar?

— De certa forma, interagir com robôs é o que ele já faz no Holo Tab. Esse robô é um ser eletrônico, é verdade, mas foi feito para tentar ajudar o nosso filho. Tentar mostrar as possibilidades do mundo lá fora. O que me diz, vamos dar uma chance?

Rique não estava certo quanto àquilo. Mas Clara tinha um bom argumento: talvez fosse a única forma de alcançar o Chico no mundo dele. E a esposa havia feito o robô com tanta dedicação, com tanto carinho... Então Rique pensou que algo assim só poderia ajudar. Além disso, ela era uma das melhores engenheiras que ele conhecia.

— Está bem, querida. Vamos tentar! —
Concordou Rique.

Clara sorriu. Ela estava cheia de esperança, pois realmente acreditava no pequeno robô que havia construído. Seria o presente de aniversário perfeito.

Um Presente Especial

O aniversário do Chico finalmente chegou. Era uma das raras ocasiões em que ele saía do quarto. Nos últimos anos, a condição do menino vinha piorando e ele passava cada vez mais tempo no mundo virtual, sempre isolado.

Quando era menor, chegou a ter o hábito de fazer as refeições na mesa, com a família. Clara e Rique sempre fizeram questão de ensinar isso ao filho. Mas com o tempo, o quadro se agravou e o menino passou a fazer as refeições no quarto, pois não conseguia mais comer sem estar conectado a um estímulo eletrônico, fosse assistindo aos seus desenhos favoritos, fosse jogando videogame.

O diagnóstico do TECC não era fácil. O transtorno era muito confundido com um simples hábito, mas exames de sangue moleculares e ressonâncias do comportamento cerebral ajudavam os médicos a definirem o tratamento.

Alguns remédios eram indicados nesses casos, mas uma terapia naturalista sempre fazia parte do processo. Agora, uma nova esperança tomava conta da família. Naquela manhã de aniversário do filho, Clara e Rique estavam especialmente empolgados:

— Bom dia, filho! — Disse Clara, ao acordar o menino com um toque suave em seus cabelos, enquanto ele ainda dormia pela manhã.

— Oi mãe... Tô com sono... — Ele resmungou.

— Você não lembra que dia é hoje?

Depois de alguns segundos assimilando a informação, Chico abriu os olhos e se levantou:

— É meu aniversário! — Ele disse, sorrindo.

Era muito bom vê-lo feliz. Clara sabia que a empolgação do filho vinha da expectativa de ganhar mais um jogo para o Holo Tab, mas mesmo assim, era ótima a sensação de ver um lindo sorriso naquele rosto. Ele podia ter dificuldades com a sua condição, mas tinha suas alegrias.

— Isso mesmo, filho. O seu pai fez o seu bolo favorito para o café! E eu tenho uma surpresa pra você...

— Uma surpresa? É o jogo que eu queria? Aquele novo, com visual ultra-realista? É esse, mãe?

— Bom, não posso contar. Surpresa é surpresa. Primeiro vamos tomar café, depois você vai ver.

— Posso tomar café no quarto? É meu aniversário... — Ele pediu.

— Mas você toma café no quarto todo dia, filho. Vamos tentar comer na mesa, hoje? Só hoje, que tal?

— Tudo bem... Mas eu vou levar o meu Tab.

Clara concordou. Era difícil fazer o Chico se juntar à família na mesa. Conseguir isso sem o Holo Tab seria um milagre.

A família comeu o bolo de chocolate com morango favorito do menino. O Rique era o cozinheiro da casa e, diga-se de passagem, um talentoso confeitoiro. O bolo estava delicioso, macio

e úmido por dentro, derretendo na boca. Eles não cantaram parabéns, porque o Chico não gostava, mas o menino recebeu um abraço apertado do pai e da mãe.

— Qual é a surpresa, mãe? É o jogo que eu queria? Me conta, me conta!

— Bom, vamos lá. O seu presente não é um jogo dessa vez, mas eu prometo que você vai gostar.

— Disse Clara.

Chico fez cara feia. Ele não gostava nada de presentes inesperados:

— Ah não... Se não é um jogo, deve ser uma coisa chata. Vocês compraram roupas de novo? — Ele resmungou.

— Você devia agradecer quando ganha roupas. Hoje em dia estão muito caras, desde que a maioria das fábricas foi fechada. E aqui em casa não temos ninguém que saiba costurar. — Lembrou o pai.

— Eu sei pai, eu sei...

— Mas não são roupas dessa vez. A sua mãe fez algo especial pra você.

— A mamãe que fez?

— Isso mesmo. Está lá na garagem. Vamos dar uma olhada? — Convidou Clara.

— Tá bom... — Concordou o menino. Geralmente, Chico não gostava de ir até a garagem, pois para isso tinha que sair de casa, tomar sol e passar pelo jardim. Mas como seu presente estava lá, resolveu abrir uma exceção.

— Não se esqueça dos óculos escuros, filho. — Lembrou Rique.

Sempre que saía de casa, Chico usava óculos escuros, pois sua visão não estava mais acostumada com a luz do sol. Mesmo com os óculos ele ainda protegia os olhos com os braços, ou levava um guarda-chuva aberto para ficar na sombra. Pela pouca exposição à luz, tomava suplementos de vitaminas.

Quando chegaram à garagem, o presente estava bem ali, no meio do recinto, coberto por um lençol. Clara tentou fazer um suspense antes de revelar o que era:

— Vamos lá, filho. Acho que você vai curtir muito esse presente. Um, dois, três e...

E então ela puxou o lençol, jogando-o para cima, deixando-o cair no chão. Foi então que Chico viu o robô pela primeira vez.

Foi realmente uma surpresa. Não era um jogo como ele esperava, mas também não eram roupas, sapatos ou qualquer coisa de decoração. Lá estava um robô diante de seus olhos, mas um diferente de todos que já tinha visto.

Robôs eram comuns em 2095, não só nas capitais, mas também nas pequenas ecovilas. Eles ajudavam no transporte, nos serviços de emergência e também nas plantações. E geralmente eram maiores e com um aspecto impessoal.

Mas o pequeno robozinho que estava diante de seus olhos era diferente: tinha um visual mais retrô, como se fosse mesmo um homenzinho feito de lata, e na verdade se parecia com um menino do seu tamanho. Chico observou o robô, sem saber ao certo

se tinha gostado ou não do presente, mas ficou curioso.

— E aí, filho? Gostou? — Perguntou Clara.

— O que ele faz? — Quis saber Chico, ainda cauteloso com a novidade.

— Bom, vou ligar e você já vai saber. — Anunciou a mãe, entusiasmada.

Clara se aproximou e apertou um pequeno botão no robozinho, que acendeu as luzes em seu display e o mesmo começou a ganhar vida. Na face daquele pequeno ser metálico havia uma tela, não dessas modernas, mas uma tela antiga, aproveitada de algum aparelho sem uso, vinda do museu tecnológico onde Clara trabalhava. Nessa tela se formou um sorriso feito de traços digitais. E então, o robô falou com sua voz eletrônica:

— Bom dia, Chico. Fui programado para acordar no dia do seu aniversário. Estou sabendo que você completa oito anos hoje. É um dia especial na vida de um menino. Desejo a você felicidades!

Chico ficou sério. Ele estava acostumado com aparelhos eletrônicos, mas nunca havia interagido com um robô daquela forma. Era como estar na presença de uma criatura viva mesmo.

— Você não vai responder a ele, filho? — Sugeriu Rique.

— Bom dia robô... Desculpe, eu não sei o seu nome. — Disse Chico.

— Eu sou Robb 8128, este é meu nome padrão.

— Mas que nome estranho. — Comentou o menino.

— Meu nome pode ser considerado estranho por humanos. Robb significa “Robô - B”, que é uma série de robôs antigos da década de 2060. Isso porque meu chip de inteligência artificial é um antigo chip dessa linha, que foi modificado por sua mãe para atender às suas necessidades específicas. Já o código 8128 é apenas o final do número de série da minha placa de memória. Mas você pode me dar um novo nome, se quiser. — Explicou o robô.

Chico ficou pensativo por um tempo, observando. Aquilo tudo era muito estranho. Ele já estava sentindo falta do seu quarto, pois não costumava passar tanto tempo assim fora de casa. Para ele, estar na garagem do outro lado do jardim era como estar fora de casa. Mas falar com aquele robô lhe trazia uma sensação nova, algo que ele não sabia explicar.

— E então, Chico? Quer dar um nome a ele?

— Perguntou a mãe.

— Acho que vou chamá-lo de Robb.

— Robb é um ótimo nome. Espero ser seu amigo, Chico. — Respondeu o robô.

— Obrigado. — Disse o menino, tímido. Ele não sabia exatamente o que fazer em seguida, então simplesmente saiu da garagem e voltou para seu quarto na casa.

— Acha que ele gostou? — Perguntou Rique.

— Eu não sei... — Admitiu Clara. — Mas acho que foi um bom começo. Vamos dar um tempo a ele, ver como as coisas andam.

Não se pode forçar duas crianças a fazerem amizade, então o mesmo vale para um menino e um robô. Clara e Rique esperavam que, com o tempo, Chico começasse a interagir cada vez mais com Robb. O robô tinha sido programado para estabelecer um laço de amizade com o menino e convidá-lo para atividades diversas. Se isso funcionasse, quem sabe o Chico não aprendesse coisas novas, seguindo seu novo amigo eletrônico?

— Eu fiz alguma coisa errada, senhora? — Perguntou Robb a Clara, que ele reconhecia como sua criadora.

— Não se preocupe, Robb. Você foi ótimo. O Chico precisa se acostumar com você, é só isso.

— Entendido, senhora. Vou pesquisar em meu banco de dados como posso contribuir para que Chico se acostume comigo, sendo eu um robô com inteligência artificial. Já identifiquei que uma coisa importante ao conhecer um novo amigo é construir laços com base nos interesses em comum. Quais são os interesses do menino, senhora?

— Nós até podemos te contar... Mas por que não tenta conhecê-lo por conta própria?

— Esta é uma ótima ideia, senhora. — Disse Robb.

Robb 8128

Robb se dirigiu até a porta do quarto de Chico. O robzinho fazia um barulho curioso ao se deslocar com suas rodinhas pela casa: como se fosse um zunido agudo de uma abelha, só que mais agradável. Ele encontrou a porta fechada, então consultou seu banco de dados e verificou qual seria o protocolo mais educado para aquela ocasião:

“Toc, Toc, Toc” — Ele bateu na porta e esperou a resposta.

— Quem é? — Perguntou Chico. O menino não estranhou, pois seus pais tinham o hábito de bater na porta.

— Aqui é o Robb. Posso entrar?

Houve um silêncio por um tempo. Chico não soube como reagir na hora, pois estava jogando e não queria ser incomodado por ninguém.

— Eu tô jogando, Robb. Volte outra hora.

Robb se afastou um pouco da porta, fazendo o barulho com as rodinhas, parou e processou a informação. Então, fez uma nova pergunta:

— Que horas devo voltar, senhor?

— Como assim que horas? — Indagou o menino do outro lado da porta, ainda fechada.

— Você disse “volte outra hora”. Qual horário seria mais adequado para o senhor?

Chico pensou que era muito estranho ser chamado daquela forma.

— Não precisa me chamar de senhor. Eu sou um menino!

— Tudo bem. Informação registrada. Qual horário seria bom para você, menino?

— Qualquer hora. Só não agora. Tô no meio do jogo.

— Tudo bem. Voltarei outra hora, qualquer hora em que você não esteja no meio do jogo, menino. — Disse Robb.

— Obrigado.

Então Robb aprendeu que Chico não gostava de ser interrompido durante o jogo. Foi dar uma volta pela casa e no jardim, para esperar o tempo passar. O pequeno passeio deve ter durado cerca de quinze minutos, até que ele voltou à porta do quarto e bateu novamente:

— Oi? — Perguntou Chico lá de dentro.

— Oi, menino. Aqui é o Robb de novo. Você ainda está no meio do jogo?

— Tô sim.

— Tudo bem. Volto outra hora.

E assim aconteceu mais algumas vezes. Robb ia dar um passeio pela casa, voltava a bater à porta do quarto do Chico, sempre perguntando se ele ainda estava no meio do jogo, com a promessa de voltar depois.

Chico passou a manhã no quarto, jogando. Era sábado e ele não tinha escola. Sua escola, por sinal, era totalmente à distância. O menino almoçou no quarto, dormiu um pouco à tarde, assistiu TV, tomou banho e jogou mais um pouco. Geralmente os

pais faziam Chico dar uma volta no jardim para pegar um pouco de sol e sentir o aroma das flores. Mas o aniversário era uma ocasião especial e ele podia escolher todas as atividades do dia. E ele sempre escolhia ficar no quarto.

Anoiteceu e Robb entendeu que o menino tinha várias atividades no dia nas quais não gostava de ser interrompido. O robozinho analisou os dados e decidiu fazer uma nova tentativa no dia seguinte.

O domingo amanheceu com um dia lindo, céu azul com algumas nuvens brancas, uma brisa fresca e o cheiro das flores no jardim. É claro que Robb podia apreciar a beleza do dia, até tinha sensores para captar as variações do vento, mas não podia sentir o perfume das flores.

— Bom dia, menino. Aqui é o Robb. — Disse o robô após bater de novo à porta do Chico.

— Eu sei, Robb.

— Você vai ter algum horário hoje em que possa ser interrompido?

Por alguma razão, aquela pergunta fez Chico sentir uma ponta de tristeza. Ele se deu conta de que não tinha aberto a porta nenhuma vez para o robozinho no dia anterior. Chico gostava de ter o seu espaço respeitado, mas sabia que era preciso também ter consideração pelos outros, como seus pais sempre explicavam. Ele também estava um pouco enjoado do joguinho no Holo Tab. Então, naquela manhã de domingo, resolveu abrir a porta.

— Oi Robb. Bom dia.

— Bom dia, menino. Robb fica feliz em saber que você está livre agora.

— Livre?... Mas como assim? Eu sou livre. Não estou numa prisão nem nada do tipo.

— Acho que meu banco de dados me confundiu. Você passa tanto tempo no seu quarto e quase nunca sai, parece um pouco com a rotina de uma prisão.

— Mas eu fico aqui porque eu quero. — Explicou Chico.

— Ah, sim. Compreendo. É uma prisão voluntária. Menos mal.

— Não é prisão, Robb. É o meu quarto. Lembre-se disso.

— Tudo bem, menino. Informação registrada.

— E pare de me chamar de menino. Meu nome é Chico e já sou bem grandinho.

— Na verdade o seu nome é Francisco. Chico é um apelido para familiares e amigos próximos. Robb fica feliz em poder te chamar pelo apelido. Significa que estamos criando laços.

Chico deu risada. Ele não conseguiu se conter. A forma como Robb falava era bem esquisita. O robô era simplesmente honesto e não tentava esconder seus pensamentos.

— Por que está rindo, Chico?

— Por nada não, Robb. Acho que é só o jeito que você fala.

— Meu jeito de falar te faz rir? Fazer rir é uma maneira eficaz de criar laços de amizade. Devo continuar falando?

— Não, não, não... Se você tentar demais, daí perde a graça.

— Não compreendo.

— Só às vezes eu vou rir, outras vezes não.

— Entendido. Rir só às vezes é bom, mas todas as vezes é ruim.

— É mais ou menos isso.

— Acho que Robb ainda não sabe muito sobre os humanos. Minhas centenas de terabytes em dados não são suficientes.

— Na sua memória cabe tudo isso?

— Sim. Na verdade é pouco perto da capacidade de muitas placas de memória de hoje em dia.

— Mesmo assim, sua memória é muito boa.

— Obrigado, Chico.

Fez-se um momento de silêncio. O menino não sabia o que dizer em seguida, nem o robô. Até que Robb se manifestou:

— Tive uma ideia. E se você me ensinar mais sobre o mundo e sobre os humanos? — Foi a proposta do robô.

— Te ensinar?

— Sim. Como inteligência artificial eu preciso aprender por meio da interação.

— Mas você já tem tudo aí na sua memória!

— Na verdade, tenho muitas informações. Mas isso não basta. Preciso aprender mais com a experiência de vida, algo que só os humanos têm e que eu só vou conseguir com o tempo.

— Eu não tenho muita experiência. Talvez você precise de alguém mais velho, Robb.

— Incorreto. Você tem exatamente oito anos, doze horas e vinte e dois minutos de experiência de vida. Já eu tenho apenas vinte e duas horas e dezoito minutos. Sendo assim, você tem muito mais experiência nesse mundo do que eu, Chico.

Chico gostou muito de saber que era experiente e que poderia ajudar a ensinar Robb. Aquela ideia lhe caiu muito bem.

— Tá certo. Eu topo. Vou ser o seu mestre, Robb. E você será meu aprendiz. — Prometeu o menino.

— Robb fica honrado, senhor. Creio que agora, como você é meu mestre, posso te chamar de senhor.

— É... Acho que sim.

— Muito bem. Qual será nossa primeira lição?

O menino não precisou pensar muito para responder àquela pergunta:

— Primeiro, vou te ensinar a jogar videogame!

Então, o menino puxou o robozinho pelo braço para dentro do quarto. Os dois passaram horas jogando videogame naquele domingo. Não era exatamente o que seus pais tinham em mente, mas era o começo de uma grande amizade.

Mapeando Memórias

Os dias se passaram e Robb jogou muito videogame com Chico. Era a primeira vez que o menino tinha um parceiro para jogar, pelo menos um que ficasse ali no quarto, ao seu lado, reagindo e rindo das coisas inusitadas que aconteciam nos jogos. O robô aprendeu muito rápido a dominar a estratégia para vencer cada partida. Secretamente, Robb já havia alcançado um nível muito superior ao do garoto. Mas ele percebeu que, se só ele ganhasse, Chico ficaria chateado e perderia o gosto pelos jogos. Seu banco de dados o ensinou que a sensação de vencer era importante para os seres humanos, então deixava Chico ganhar algumas vezes, mas não sempre, para manter a disputa equilibrada.

Mas Robb não se esqueceu da sua missão original. Agora que ele tinha criado um laço de amizade com Chico, pensou que já era hora de tentar algo novo.

Um dos objetivos da sua programação era levar o menino para um passeio fora de casa, mas ainda era cedo para isso. Os dados diziam que as pessoas com TECC tinham grandes dificuldades de interação com o mundo, logo era preciso fazer um tratamento gradativo, com pequenos passos de cada vez. Então Robb pensou que o primeiro passo seria um passeio pela casa.

— Bom dia, Chico.

— Bom dia, Robb! — O menino já respondia com mais entusiasmo quando o robô batia em sua porta. — O que vamos jogar hoje?

— Robb pensou que hoje podemos fazer algo diferente, senhor.

— Alguma coisa diferente? Você quer ver desenho?

— Na verdade, Robb ainda precisa aprender mais sobre os humanos. E o senhor prometeu me ensinar, lembra?

— Sim, eu sou seu mestre. O que você quer aprender? Tenho vários jogos na minha coleção que ainda não jogamos.

— Eu sei, já fiz uma contagem dos seus jogos. Estão todos no meu banco de dados.

— Você fez?

— Sim, senhor. Atualmente você tem 425 jogos. Com certeza tem jogos que ainda não jogamos, pois desses apenas 108 jogos foram abertos, 54 foram jogados em mais de 50% do conteúdo disponível, e 25 foram finalizados.

— Poxa vida, Robb. Temos muito trabalho pela frente! — Disse Chico, que não achava nenhum pouco estranho ter mais de 300 jogos em sua coleção que nunca chegou a jogar.

— Robb ficará contente em jogar todos esses jogos com Chico. Mas para hoje, pensei que poderíamos fazer algo diferente.

— Algo diferente? Mas o quê?

— Que tal você me mostrar um pouco mais da casa? Preciso atualizar meu banco de dados sobre a

casa onde moramos. Caso haja alguma emergência, preciso ter todos os ambientes mapeados. Também posso sugerir reformas e melhorias, sabe? Meu potencial de análise de ambientes ainda não foi utilizado.

— Ah, mas pra isso você pode pedir ajuda da mamãe. Ela vai gostar de mostrar a casa pra você.

— Muito bem colocado, Chico. Mas a sua mãe está no trabalho e seu pai está cuidando da horta. Parece que só você tem tempo livre para me ajudar com isso. E você pode usar o seu Holo Tab para me ajudar a mapear os ambientes, o que acha?

Chico se animou com a ideia. O Holo Tab tinha uma função de mapeamento de ambientes que ele nunca tinha usado. O aparelho era capaz de escanear e modelar um mapa tridimensional dos lugares. Também permitia que o usuário fizesse edições, inserindo dados e conteúdos relevantes para cada local. Era como um jogo de videogame que interagia com a realidade, mas Chico nunca tinha pensado em fazer algo assim.

— Tudo bem, Robb. Vou te ajudar a mapear a casa.

E assim eles foram, andando por toda a casa, enquanto Chico mapeava tudo com seu Holo Tab. Robb, por sua vez, ia fazendo perguntas e inserindo cada informação no mapa criado pelo menino.

— Me explique mais sobre a sala. — Pediu o robô.

— Claro. Bom, não tem muito o que dizer. Aqui meus pais assistem filmes.

— E você nunca vê filmes com eles?

— Não, eu vejo no meu quarto.

— Mas vejo que a sala tem um sofá de três lugares. Há espaço para você ver filmes também, Chico.

— Eu sei. Mas eu não uso não.

— Certo. Vou registrar no meu banco de dados que você não gosta de ver filmes com seus pais.

— Espere, Robb. Não é bem assim. Eu gosto de ver filmes com eles...

— Perdão, senhor. Acho que entendi errado. Você disse que não usa o seu lugar vago no sofá.

— É verdade, eu não uso... — Chico estava confuso. Ele tinha algumas memórias preciosas de estar ali, naquele sofá, com seu pai e sua mãe, assistindo a algum filme ou animação em família. Era uma memória tão boa. Por que será que ele nunca mais tinha feito isso?

— Senhor?

— Mas eu gosto... Bom, acho que eu gostava de ver filmes aqui com eles. Há muito tempo.

— Chico parece triste.

— Não é isso... Eu não sei bem o que é... Acho que acostumei a ficar no meu quarto. — Admitiu o menino.

— Tudo bem, Chico. Você pode tentar vir aqui algum dia, quando quiser novamente. — Explicou Robb.

— Sim, quem sabe um dia. Eu podia vir e ficar aqui com eles e pedir pipoca. E você pode ver TV com a gente, Robb, seria legal.

— Fico honrado com o convite, senhor. —
Disse o robozinho.

E assim eles passaram o dia, perambulando pela casa. Chico contava a Robb sobre as memórias que tinha de cada recinto. Robb foi mapeando tudo e no final eles tinham um verdadeiro mapa das memórias daquela casa.

— Isso ficou bom, Chico. É como um álbum de lembranças, mas virtual e tridimensional. Acho que fizemos um mapa da sua vida.

— É verdade... Ficou ótimo, Robb. Obrigado.

Chico percebeu como o mapa da sua vida era pequeno, do tamanho de uma casa, mas cheio de memórias agradáveis. Ele sentiu que tinha sorte, de algum modo. Mas as áreas em branco, fora dos limites da casa, faziam ecoar em sua mente uma importante pergunta: o que será que havia do lado de fora, para além do pequeno jardim, que ele estava perdendo? Na verdade, nem mesmo do jardim ele se lembrava muito bem.

Flores, Insetos e Pai

O dia da exploração pela casa rendeu bons frutos. Secretamente, Robb registrou em sua memória que a missão de conduzir Chico a novas atividades estava indo bem. Mais do que isso, o robozinho analisou que os dois estavam realmente construindo um elo de amizade. O menino gostava de rotinas bem definidas, então já havia se acostumado com aquele novo ritual matinal, quando Robb sempre vinha bater à sua porta.

Mas toda aquela andança pela casa deixou o garoto cansado, então ele precisou de algum tempo para se recuperar. Os dois passaram alguns dias no quarto, o que foi uma ótima oportunidade para Chico ensinar a Robb a jogar outros jogos. O favorito do momento era um simulador de vida em um mundo de fantasia: eles criavam um personagem e podiam explorar os ambientes naturais, coletar

recursos, desenvolver habilidades e participar de aventuras.

— Esse jogo é muito bom. — Comentou Robb.

— É um dos melhores!

— Senhor, eu estava pensando... — Começou o robô, enquanto jogava como Mago em uma missão ao lado do Arqueiro de Chico.

— Uau, olha esse besouro dourado! — Interrompeu o menino, impressionado com o inseto que havia encontrado em um cenário de floresta do jogo.

— Já notou como o jogo é parecido com a vida real? — Robb completou.

— Parecido? Como assim?

— No mundo do jogo exploramos cada cenário atrás de tesouros, criaturas e relíquias. Bom, de alguma forma a vida real é assim também. Lá fora, no jardim, por exemplo, quantos insetos e criaturas incríveis podemos encontrar?

Chico continuou a jogar por um tempo, concentrado e em silêncio, como se não tivesse

ouvido o comentário de Robb. Mas depois ele salvou o jogo e desligou, deitando na cama para descansar um pouco. O robozinho se deslocou, fazendo aquele barulho calmante com suas rodinhas, e se posicionou ao lado da cama do menino, esperando uma resposta.

— É, pode ser.... Isso seria como um jogo?

— Sim, senhor. Podemos usar o Holo Tab para catalogar as espécies de animais no jardim. Será como um jogo de colecionar criaturas. Eu posso ser seu parceiro assistente. E como está sol hoje, pode usar seu equipamento de proteção.

Robb referia-se ao par de óculos escuros e ao guarda-chuva que Chico sempre usava quando ia ao jardim.

— Gostei, parece legal.

Chico demonstrou um leve tom de entusiasmo com a ideia. Na verdade, estava mesmo um pouco cansado de ficar no quarto. E com Robb ao seu lado, por algum motivo as coisas do lado de fora pareciam mais interessantes agora. Ele vestiu os óculos,

pegou o guarda-chuva e anunciou que estava pronto.

A manhã estava ensolarada, mas fresca. Gotas de orvalho pingavam das folhas úmidas do jardim, por causa da chuva da noite passada. Chico segurava o guarda-chuva aberto com a mão esquerda, para se proteger do sol, e com a direita apontava o sensor do Holo Tab para as diferentes espécies que encontrava pelo caminho. Robb deslizava ao seu lado, escaneando ele mesmo o ambiente, mostrando ao menino quando notava algo interessante.

— Veja, naquela árvore. Há um pássaro ali. — Apontou o robô.

O menino chegou perto para escanear o passarinho, mas a ave bateu asas e voou para longe.

— Calma, Chico. Meus dados indicam que as aves ficam agitadas quando chegamos muito perto. Talvez seja melhor uma aproximação mais cautelosa.

— Tem razão.

E quando acharam outro pássaro, o menino foi mais devagar e apontou o sensor de leitura de uma distância maior. O Holo Tab era muito preciso nesse aspecto e logo registrou a espécie: era um tipo de canário azul.

— Meus dados indicam que esse pássaro já esteve quase extinto e hoje ainda é raro de encontrar. — Informou Robb.

— Que legal, uma espécie rara aqui no nosso jardim! — Disse Chico, empolgado com a descoberta. Aquele fato parecia uma gentileza do destino, só para colocar um sorriso no rosto do menino.

— E aqui, uma borboleta. E aqui, nesse ramo, uma joaninha.

Robb foi mostrando várias formas de vida ao amigo, que ia catalogando tudo como um verdadeiro pesquisador. Até que, sem perceber, Chico estava explorando o jardim por conta própria, fazendo pequenas descobertas.

Ele observou uma fila de formigas trabalhando, subindo e descendo por uma árvore, trazendo pequenos pedaços de folhas até sumirem entre os arbustos ali perto.

— O que elas estão fazendo? — Perguntou Robb. Ele sabia a resposta, mas queria ouvir a análise do menino.

— Eu aprendi isso na escola. Estão pegando alimentos e guardando no formigueiro. Formigas são uma sociedade muito organizada.

— Interessante. Você aprendeu tudo isso em uma aula?

— Foi numa aula de ciências. Mas é mais legal ver as formigas assim, de perto.

— Posso supor que o senhor nunca tinha visto um formigueiro?

— Acho que já vi um, mas faz muito tempo. — Explicou Chico.

Os dois ficaram ali, observando a atividade das formigas por um tempo. Robb notou como Chico expressava no olhar uma renovada curiosidade pela

vida, como se estivesse vendo aquilo tudo pela primeira vez. Embora já tivesse passado por aquele jardim várias vezes antes, o menino nunca se atentara aos detalhes como agora.

E das formigas eles foram para uma pequena colméia de abelhas, e as abelhas os conduziram às flores. Sim, contemplaram a beleza das flores, o encanto dos aromas, a arte colorida das suas pétalas, a graça de cada forma, uma mais bela que a outra. E as flores convidaram menino e robô a perceberem os canteiros de margaridas e girassóis, violetas e orquídeas ali plantadas com muito esmero. E ao lado delas havia uma horta, na verdade vários canteiros de horta, com brotos de alface e tomatinhos, beterrabas e cenouras, ervas e temperos de todos os tipos. Podiam sentir o cheiro dos alimentos frescos no ar frio da manhã, que se misturava com o tímido calor do sol ainda fraco.

— Quem será que fez essa horta? — Perguntou Chico. Ele realmente não sabia a resposta.

Robb foi escaneando toda a extensão da horta com seus sensores. Chico fez o mesmo com o Holo Tab, até que ambos mapearam uma criatura única naquele jardim, maior do que todas as outras: era Rique, o pai de Chico.

— Bom dia, meninos. Que bom vê-los por aqui! — Saudou o pai.

Chico deu risada. De alguma forma, encontrar seu pai como mais uma das criaturas do jardim lhe parecia uma ideia inusitada.

— Posso saber do que estão rindo? — Perguntou Rique, naquele tom amigável de sempre, mais curioso e querendo rir junto do que qualquer outra coisa.

— Nós estamos catalogando espécies do jardim, senhor. E o Chico acaba de catalogar você.

— Suponho que “pai” seja uma espécie muito engraçada, não? — Indagou Rique, aceitando ser a piada do momento.

E Chico desatou a rir ainda mais. Pela primeira vez em muito tempo ele estava realmente à vontade no jardim.

— Ora, venham, meninos. Tenho algo especial para mostrar.

E os dois seguiram Rique pela horta. Atravessaram toda a extensão da área plantada e chegaram a um local do jardim que Chico realmente não conhecia: quase nos fundos do terreno havia uma cerca viva alta, com uma entrada para um local misterioso.

— O que tem do outro lado? — Perguntou Chico.

— Lá está minha obra prima. Venham, vocês vão adorar!

O pai adentrou o corredor entre as cercas vivas e desapareceu, num caminho que parecia um pouco mais escuro, mas ainda banhado pela luz do sol filtrada pelos arbustos verdes. Chico e Robb o seguiram, passando por uma espécie de arco fechado, adornado com rosas na parte de cima.

E qual não foi a surpresa deles quando chegaram do outro lado: havia ali um campo de rosas, com canteiros de rosas brancas e vermelhas, de uma beleza única, banhados ao sol da manhã e sob um lindo céu azul. Algumas árvores grandes completavam o cenário e o campo se estendia por uma boa distância.

Rique caminhava por entre as flores e, ao fundo, via-se que o campo terminava rente a uma pequena estrada de terra, por onde passavam algumas pessoas da vizinhança: um senhor vinha de bicicleta, uma senhora de sombrinha caminhava com uma sacola de frutas, e até algumas crianças passavam por ali, brincando de soltar pipa. Mais além ficavam outras casas do bairro.

Então Chico entendeu que aquele jardim do pai era uma extensão da casa que se abria e se conectava com o restante da ecovila. Talvez por isso ele nunca antes pusera os pés ali. E agora, sentia uma mistura de medo, ansiedade e fascinação. Mas

antes que tais sentimentos pudessem impedir qualquer ação do menino, o pai o chamou:

— Venha, Chico. Venha ver as rosas especiais que plantei.

— Isso é mesmo uma beleza. — Comentou Robb. — Vamos lá, Chico. Não vamos deixar o seu pai esperando.

E Robb deslizou pelo caminho entre as flores, fazendo aquele agradável ruído com suas rodinhas. Chico o seguiu em estado de surpresa. Ele não fazia ideia de que seu pai era um jardineiro tão talentoso.

No resto da manhã, Chico passou um tempo agradável, aprendendo mais sobre o cultivo das rosas. Ele chegou a tocar a terra e a sentir o aroma das flores, e isso renovou seu espírito de um modo que precisava muito, mesmo sem saber.

Balões e Doces

Chico acordou ouvindo uma espécie de Bip que se repetia, regularmente. Sentiu que alguma coisa estava presa em seu braço e um cheiro de limpeza diferente do que estava acostumado. Quando abriu os olhos, viu que estava em um lugar desconhecido. Não era seu quarto e certamente não estava em casa. Mas estava curiosamente calmo.

Logo notou que seus pais estavam ali, conversando com uma mulher de roupa branca:

— Doutora, não temos como agradecer. — Disse Clara. — Quanto tempo ele vai ficar aqui?

— Acho que nosso menino acordou. — Disse a mulher, que agora olhava na direção de Chico.

— Ei filhão, você deu um susto na gente! — Disse Rique, aliviado ao ver que Chico acabara de retomar a consciência.

Ainda confuso com tudo aquilo, Chico percebeu que estava no hospital da vila. Aos poucos

foi reconhecendo o lugar, que já visitara algumas vezes. Mas não entendia o que estava acontecendo nem se lembrava de como tinha chegado ali.

Clara deu um beijo na testa do filho e Rique segurou a mão do garoto. Nesse momento, Chico notou que recebia soro pelo braço. Ao tentar mover a cabeça, sentiu uma leve fraqueza.

— O que aconteceu? — Perguntou o menino.

— Você não se lembra de nada mesmo? — Retrucou o pai.

— Eu só lembro... que estava num lugar cheio de flores... e depois tudo apagou, não me lembro de mais nada.

— Você estava comigo no roseiral, filho. A gente mexeu na terra e plantou algumas mudas. Mas uma hora você apagou, assim de repente, teve um desmaio. Robb estava junto.

Chico ficou surpreso com o relato do pai. Ele realmente não se lembrava de ter desmaiado. Se aquilo aconteceu, tinha sido mesmo um apagão. Mas lembrava do roseiral e de estar ali com Robb.

Pensando nisso, ele se deu conta de que sentia falta do amigo eletrônico desde que acordara:

— Cadê o Robb?

Rique e Clara se entreolharam, com um sutil olhar de contentamento. Eles gostaram de ver que Chico perguntava do amigo.

— Pois ele está aqui fora, veio te visitar. O danado trouxe até uma surpresa pra você. — Disse a mãe. — Venha, Robb, entre.

E então, uma cena tocante aconteceu. O familiar som das rodinhas deslizando pelo chão anunciou a entrada de Robb. O robzinho veio devagar, parou na porta e escaneou o ambiente, até que entrou se deslocando em direção à cama, trazendo balões vermelhos em um dos bracinhos mecânicos, e uma caixa de doces no outro.

Chico, que estava deitado, só ouviu o som das rodinhas e viu os balões passando pelo vão da porta e depois chegando perto dele, como se tivessem vida própria. A médica ergueu a inclinação da cama e Chico pôde ver melhor seu amigo.

— Robb! Você veio...

— Mas é claro, Chico. Meu banco de dados mostra que sempre se deve visitar um amigo no hospital. E tudo indica que balões e doces podem fazer o amigo em questão se sentir melhor.

Chico realmente se sentiu bem com os balões, mesmo sem saber o motivo. Pareciam coisa de criança pequena, mesmo assim eles tinham um poder misterioso, algo que trazia uma inexplicável alegria.

— Então você é meu amigo. — Concluiu Chico.

— Mas é claro. Robb considera Chico seu melhor amigo.

— Mas eu sou seu único amigo, Robb. — Protestou o menino.

— Isso não é verdade. Seu pai e sua mãe também são meus amigos. Mas, de todos, você é o melhor. Sem ofensas, pai e mãe. — Explicou Robb, virando-se para os pais, numa atitude quase envergonhada pelo fato de ter uma preferência.

Rique, Clara e a médica riram. Chico ficou feliz ao saber que tinha um melhor amigo.

Depois de estar plenamente recuperado, Chico foi levado para casa. A família foi embora de carro do hospital. Fazia tempo que Chico não andava de automóvel: esses eram todos elétricos, com painéis solares, moviam-se a baixas velocidades e eram usados apenas em ocasiões especiais ou casos de urgência. Ele e Robb foram no terceiro banco, olhando a paisagem pela janela. Seus pais foram no banco do meio e na frente havia apenas o robô motorista.

Puderam ver a extensão da ecovila onde moravam. Saindo do hospital, que era um prédio branco cheio de painéis solares e portas automáticas, passaram pela rodovia principal da região. Muitas árvores altas acompanhavam a estrada pelos dois lados. Fazendas, com belas e douradas plantações de milho e trigo, cuja colheita era feita por humanos e robôs, estendiam-se do lado esquerdo, ocupando boa parte do campo de visão.

Para além delas, havia campos e montanhas verdes a perder de vista. E bem longe se via um trem, que dali parecia pequeno, percorrendo a ferrovia pelo vale, ligando a vila a outras cidades e à capital. Na estrada mesmo, havia poucos carros em movimento.

O passeio de volta foi adoçado com o segundo presente de Robb, que era uma caixa de pães de mel caseiros, um dos doces favoritos do Chico. Robb os havia comprado na mercearia do bairro, naquela tarde mais cedo, depois de uma longa seção de perguntas feitas à dona Ruth, dona do estabelecimento, que conhecia muito bem o gosto do menino, pois seus pais sempre compravam com ela.

Depois eles foram entrando na área residencial, de onde podiam ver casas com amplos jardins, pomares e hortas. A estrada passou a ser de terra e muito mais coberta pelas sombras das árvores, que preenchiam o bairro onde moravam. Chico observou as pessoas que viviam ali, tão perto de sua casa: muitas delas andavam de bicicleta, crianças brincavam umas com as outras na

vizinhança, jogando bola, soltando pipa ou inventando alguma outra brincadeira. Ele pensou que não conhecia aquelas pessoas e isso lhe causou uma tristeza.

Por que será que havia desmaiado? E por que ele era daquele jeito? Alguém que passava a vida mais sozinho, dentro do quarto, que não gostava de sair. Ver aquelas pessoas pela janela do carro parecia até divertido. Mas lidar com elas, na prática, era algo para ele desconfortável.

— O que aconteceu hoje, mãe? O que eu tenho? — Perguntou Chico, à noite, quando a mãe o colocava na cama para dormir.

— Você passou mal com tantas pessoas lá fora, perto do roseiral. — Disse Clara.

— Mas eu fiquei lá por um bom tempo.

— Sim, ficou e isso foi muito legal, filho. — Destacou a mãe. — Só que houve um momento em que havia muita gente por lá. Todos vieram te dar um oi, pois é raro te ver fora de casa. Então um grupo de conhecidos nossos parou ali, começou a

conversar com você e seu pai. Até que houve um barulho de sino da bicicleta da dona Beth, que a filha dela tocou várias vezes, daí você desmaiou.

Chico se lembrou vagamente daqueles acontecimentos. Agora que sua mãe lhe contara, ele tinha mesmo a imagem na memória, de estar ouvindo as vozes de várias pessoas e o som da buzina da bicicleta. Então se lembrou de ter se sentido fraco e, depois, tudo apagou.

— Que bom que eu tenho o Robb. — Ele disse.

— Ora, pois isso é muito bom. Achei o máximo quando ele chegou ao hospital com balões. Foi ideia dele mesmo. — A mãe sorriu e desejou boa noite.

Quando Clara saiu, Robb entrou pela porta do quarto.

— Robb, o que está fazendo aqui?

— Está na hora de recarregar a bateria. Na minha nova posição de melhor amigo, tomei a liberdade de pedir aos seus pais que transferissem meu carregador aqui para o seu quarto. Você se importa?

Chico observou Robb se deslocar até uma espécie de plataforma, ligada à rede elétrica, que agora estava ao lado de sua cama. O robozinho tinha placas de energia solar que usava durante o dia, mas sempre fazia uma recarga durante a noite.

— Quer dizer que vamos dividir o quarto? — Perguntou o menino.

— Se você concordar. Achei que iria gostar. Saiba que eu sou bem organizado e não gosto de bagunça no meu quarto. — Disse Robb.

Chico pensou que Robb estava à vontade demais para quem acabara de se mudar. Mas ele não se importou. Era bom saber que, de agora em diante, teria um companheiro de quarto também.

— Boa noite, Robb.

— Boa noite, Chico.

E o novo morador do quarto foi aceito.

Mapas, Circuitos e Mãe

A luz do sol dava um tom levemente amarelado ao jardim na manhã seguinte, como uma pintura em aquarela que Chico observava da janela de seu quarto. Quando Robb despertou de sua recarga noturna, viu que o amigo contemplava o mundo lá fora com o olhar distante.

— Bom dia, Chico.

— Robb. Você acordou! Bom dia. Preciso da sua ajuda, aconteceu uma coisa terrível!

Robb pensou que nada muito terrível poderia ter acontecido em uma manhã tão bonita. Seus dados de análise do comportamento humano estavam indicando que Chico parecia estar tendo uma reação exagerada ou, como os humanos diziam, fazendo drama por algo simples. Mas ele não podia fazer um julgamento precipitado, então era melhor investigar o caso:

— O que foi, Chico?

— Meu Holo Tab! Ele quebrou, não liga mais! O que vou fazer sem ele, Robb? Esse dia está um tédio.

Robb concluiu que Chico estava mesmo fazendo um drama. Talvez o menino tivesse talento para o teatro. Mas ele sabia como o Holo Tab era importante para o amigo e não quis diminuir a importância da situação.

— De fato, o aparelho não está operando. — Comentou Robb, ao analisar o Holo Tab com seus brachinhos mecânicos e sensores.

— O que vamos fazer?

— Vamos levá-lo para sua mãe dar uma olhada. A dona Clara é uma excelente engenheira, já inventou coisas incríveis e sei que ela é capaz de consertá-lo.

— Boa ideia... — Disse Chico, como se estivesse surpreso consigo mesmo. Como ele não pensou nisso antes? É claro, sua mãe era ótima com máquinas e aparelhos eletrônicos. Ela tinha feito o Robb, afinal. O menino se deu conta, com certa

tristeza, de que nunca tinha ido visitar a oficina da mãe na velha garagem. Ele ouvia falar dos talentos dela, mas nunca os observara em primeira mão.

Foi assim que os dois saíram de casa naquela bela manhã, atravessaram o jardim novamente, mas desta vez se dirigiram até a velha garagem. Era um galpão feito todo de madeira, bonito e recém reformado, pintado com cores vivas do lado de fora e com o tom rústico da madeira do lado de dentro.

A oficina era espaçosa, mas repleta de mesas de trabalho, prateleiras com ferramentas, dispositivos eletrônicos novos e antigos (alguns dos anos 2050), e algumas raridades mais antigas ainda, que sua mãe explicou serem do século XX. Sobre as mesas, além das ferramentas e de um Holo Tab de trabalho, havia alguns papéis com projetos de robôs ou mapas de circuitos eletrônicos.

Clara era realmente uma mulher de muitos talentos, conhecida por sua habilidade em reciclar e reaproveitar tecnologia usada, além de restaurar

máquinas muito antigas. O próprio Robb era fruto de um projeto de restauração.

— Filho! Que bom te ver aqui! — Saudou a mãe, feliz com a visita do Chico à sua oficina, pois sabia que tal evento era muito raro.

— Oi mãe. — Disse o menino, meio cabisbaixo, ainda no estado melodramático em que se encontrava, levando o Holo Tab quebrado a uma das mesas de trabalho da mãe.

— Bom dia, dona Clara. — Disse Robb, com alegria.

— Bom dia, Robb! O que os traz aqui?

— Meu Holo Tab quebrou. Você pode consertar? — Perguntou Chico com uma voz manhosa, como se estivesse no âmago do desespero.

Clara deu uma olhada no aparelho, chegando a desparafusar uma de suas aberturas para verificar os componentes internos. Depois de escaneá-lo com seu próprio Holo Tab de trabalho, ela chegou a uma conclusão:

— Eu posso consertá-lo, mas para isso vou precisar de umas peças do museu tecnológico.

— Isso vai demorar? — Perguntou Chico, já prevendo a resposta da mãe. O museu tecnológico era um dos lugares onde sua mãe trabalhava às vezes, de lá ela trazia muitas peças antigas para restaurar em casa. Muitas delas não teriam mais serventia, nem para o museu nem para os robôs mais atuais, então ela sempre dava um jeito de reaproveitar cada circuito, cada unidade de bateria ou jogo de cabos que estivesse sobrando.

— Um pouco. Eu vou ao museu só na quarta-feira. E quando eu voltar tenho um trabalho para entregar a um cliente até sexta. Mas fique tranquilo, filho, até o próximo final de semana eu conserto o seu Tab. Ele vai ficar novinho em folha.

— Oh não! Como posso ficar tranquilo sem o meu Tab por uma semana? Isso nunca aconteceu antes. O que eu vou fazer até lá, mãe?

Chico estava inconformado. Seu corpo expressava o desespero em cada gesto, pois agora

ele se jogara em uma velha poltrona da oficina, quase deitado como se estivesse derretendo. O olhar, perdido e cabisbaixo, não conseguia ver o que ansiar naquele momento, com a perspectiva de uma semana tediosa sem qualquer acesso aos seus jogos ou canais digitais favoritos. Ele sabia que não adiantava pedir emprestado o Holo Tab da mãe, pois este era para o trabalho e, de todo modo, não tinha na memória o que ele precisava.

— Bom, pense nisso como uma oportunidade, filho. Uma semana sem o Tab pode acabar sendo melhor do que você pensa. Por que não tenta usar a imaginação?

— Eu não sei fazer isso. — Retrucou Chico, prontamente.

— Pois eu discordo. — Interveio Robb. — Você sabe usar muito bem a imaginação, Chico. Faz isso sempre que joga videogame, ou quando fazemos aquelas buscas pela casa, registrando cada coisa ou criatura interessante que encontramos no caminho.

— Mas não dá pra fazer isso sem o Tab. —
Disse o menino, ainda desanimado.

— Talvez seja possível fazer outras coisas com a imaginação. Eu só não sei ao certo como te ajudar com isso. Dona Clara, a senhora poderia atualizar minha memória com dados mais imaginativos?

— Mas é claro. Esta é uma ótima ideia, Robb. Deixe-me ver, estou certa de que uma boa dose de artes e literatura devem potencializar suas capacidades criativas.

Então Clara inseriu um pequeno cartão de memória em uma entrada no pescoço de Robb, com dados que havia extraído de uma busca em seu Holo Tab. Poucos segundos depois, ela retirou o cartão.

— Pronto. E se eu puder sugerir, meninos, quando estiverem procurando por algo bem imaginativo, Robb pode buscar inspiração em uma obra de literatura antiga, do começo do século XX, chamada “Anne de Green Gables”.

E então, Clara ofereceu a Chico uma fatia de bolo de laranja com uma caneca de chocolate

quente, pois sabia que o mesmo sequer havia tomado café da manhã. Ele se confortou com aquele aroma doce da refeição enquanto observava a mãe bem ativa, trabalhando em seus projetos, deslizando de uma mesa à outra em sua cadeira de rodinhas, fazendo reparos em velhos robôs como se fossem verdadeiras obras de arte.

Robb pensou, com alegria, que sua mãe era uma artista naquela oficina, assim como seu pai com as flores no jardim. Mas essa alegria tinha um leve toque de tristeza, por saber que ele mesmo não tinha reparado antes na beleza do que seus pais faziam.

— Obrigado, mãe. — Disse o menino ao sair. Seu desespero por estar uma semana sem o Holo Tab não passara completamente, mas de alguma forma ele sentia uma espécie de conforto. Será que o novo banco de dados imaginativos de Robb poderia mesmo ser útil?

O Castelo

Chico e Robb se encontravam no jardim. Eles tinham o dia todo pela frente, além do desafio de descobrir como passar o tempo sem nenhum aparelho eletrônico, mas somente com a força da imaginação.

É claro que Robb poderia ser considerado em si um aparelho eletrônico, visto que era um robô, mas Chico já não pensava nele dessa forma. O modo como passaram a conviver juntos, lado a lado, e a relação de amizade entre eles fizeram Chico passar a considerá-lo um irmão.

— Então, o que vamos fazer, Robb?

— Deixe-me seguir a sugestão da sua mãe e pesquisar essa tal “Anne de Green Gables”. Segundo meu banco de dados, Anne foi uma personagem muito querida da literatura do século XX. Ela era uma menina imaginativa, pois vivia em uma época na qual não havia as tecnologias atuais, mesmo

assim sempre achava uma forma de se divertir com suas amigas, nos arredores da fazenda de Green Gables, na ilha do Príncipe Eduardo.

— Ela não tinha um Holo Tab? — Perguntou Robb, surpreso por considerar o aparelho uma parte muito natural da vida.

— De forma alguma. Para você ter uma ideia, Chico, os Holo Tabs que temos hoje são artefatos muito mais avançados que os antigos smartphones do começo do século XXI. Pois bem, Anne vivia no final do século XIX. Nessa época, as pessoas estavam começando a se acostumar com a eletricidade, mas isso apenas em poucos locais, pois a maioria ainda usava o calor do fogão a lenha e a luz de velas. A humanidade nem sonhava com informática, jogos digitais ou internet.

— Parece uma vida muito chata... — Comentou Chico.

— Mas as pessoas daquela época encontravam coisas interessantes para fazer. Acho que sua mãe quis nos passar uma mensagem afinal.

— O que a Anne fazia de bom?

— Bom, deixe-me ver. Ela gostava de ler, ajudava sua família nas tarefas de casa, mas sua atividade favorita era passear nos campos e pomares de Green Gables, de preferência na companhia de sua melhor amiga, Diana. Elas imaginavam histórias e davam nomes criativos aos lugares por onde passavam, e viviam ali muitas aventuras na imaginação. Um pequeno lago perto da casa de sua amiga era chamado de Lago das Águas Cintilantes, e assim cada lugar bonito que encontravam tinha um nome especial.

— Eu não entendo, Robb. Como eram essas aventuras da imaginação? Pode me dar um exemplo?

— Também não sei explicar muito bem. — Admitiu Robb. — Mas acho que é algo que só saberemos se tentarmos.

Chico ficou observando o jardim. Ele nunca tinha observado daquele ângulo e dali reparava em novos detalhes da casa. Notou como o campo de

flores do pai contornava toda uma cerca viva rente à casa, e como na parte de trás a cerca viva fazia uma pequena reentrância, perto da área externa da cozinha, contornando em U a área coberta pela sombra de uma árvore. Sempre notara a cerca viva da janela da cozinha, mas era realmente curioso olhar as coisas de outro ponto de vista.

Chico pensou que aquela entrada em U, cercada por folhas escuras de todos os lados, parecia uma pequena caverna ou o esconderijo perfeito para dois aventureiros que estivessem desbravando um novo mundo. Ao pensar isso, ele se deu conta de que já estava usando a imaginação.

— Já sei, Robb. Vamos fazer um acampamento! — Disse o menino, dirigindo-se com súbita animação até a reentrância.

— É realmente uma ótima ideia, Chico. Um exemplo digno da imaginação de Anne de Green Gables. Como será esse nosso acampamento?

— Precisamos de um lençol ou cobertor para fazer a barraca. Vamos precisar de travesseiros

também. E acho que uma lanterna e um binóculo, pois me lembro de ter visto em algum lugar que um bom aventureiro sempre tem essas coisas.

Então, os meninos voltaram para dentro da oficina, pois sabiam que Clara tinha ali muitas coisas antigas que seriam úteis. Eles conseguiram de fato um par de binóculos improvisados, que a mãe tinha feito com peças antigas do museu. E conseguiram uma lanterna também. Depois foram até a cozinha, onde pegaram frutas e guloseimas para terem um lanche no acampamento. Na verdade, Chico teria um lanche e Robb um conjunto de baterias recarregáveis, já que sua placa solar ficaria oculta pela sombra da árvore.

E a cada nova pergunta de Robb, sobre como seria este ou aquele detalhe do acampamento, Chico encontrava uma solução ou tinha novas ideias para que tudo ficasse cada vez melhor. Em pouco tempo a reentrância do jardim virou um belo acampamento de aventureiros, e depois evoluiu para um forte, com grandes almofadas compondo a cerca, e tudo

acabou virando um esconderijo secreto, de dois amigos inseparáveis. Rique e Clara ajudaram naquela criação, fixando algumas tábuas para ajudar a dar ao forte uma estrutura mais sólida. Algumas luminárias de LED deram um toque especial, iluminando o interior com luzes coloridas que podiam ser alteradas a qualquer momento. O local ficava especialmente belo ao cair da noite.

— Ficou magnífico. — Disse Robb. — Agora, precisamos dar um nome.

— Sim. Qual pode ser um bom nome para um forte?

Eles discutiram aquela questão com várias sugestões que não agradaram totalmente. Até que chegaram a um acordo:

— O Castelo. — Disse Chico, simplesmente, e Robb aprovou a ideia.

E assim, Chico passou com Robb tardes encantadoras no Castelo. Sua mãe vinha trazer chocolate quente ao sol do entardecer, cujos raios já suaves encontravam um caminho por entre as

folhas para iluminar e aquecer um pouco aquele esconderijo. E seu pai vinha por vezes também participar das aventuras, ficando de guarda com o binóculo para evitar que alguma fera selvagem se aproximasse, e contando histórias e lendas antigas aos meninos.

E ali eles contaram e viveram muitas histórias, jogaram dominó, damas e outros jogos de tabuleiro, e apenas passaram o tempo sonhando acordados. Naquela semana, foi a primeira vez que Chico quis ficar acordado no jardim, até altas horas da noite, só para ver as estrelas.

O Mundo Lá Fora

Os dias se passaram e Chico e Robb viveram grandes aventuras no Castelo, aventuras que só a fase criativa da infância sabe conceber. E do Castelo obviamente eles foram explorar a grande Floresta e os Campos do reino, e tudo isso poderia ser facilmente encontrado no jardim de casa. Eram como dois irmãos ou melhores amigos, vivendo uma emoção nova a cada dia. Eles estavam tão envolvidos nessa brincadeira de imaginar histórias e aventuras, que quando o Holo Tab do Chico ficou pronto, ele nem deu muita bola.

— Que tal se a gente fosse conhecer os reinos vizinhos? — Perguntou Robb.

— Você quer dizer... ir lá fora?

— Sim. Podemos explorar e conhecer muitos lugares aqui na Ecovila. Meu banco de dados informa que já percorremos todo o perímetro da casa e já catalogamos todas as espécies do jardim.

Chico sabia que Robb tinha razão e que poderia ser interessante conhecer a Ecovila onde moravam. Ele mesmo já tinha pensado nisso várias vezes, mas nunca chegou a realizar um plano tão ousado na prática.

A verdade é que o menino se sentia inseguro com a ideia de sair de casa, ir longe do seu território conhecido, encontrar as pessoas da vizinhança e até lidar com toda a movimentação, com toda a vida lá fora.

Quando saía com os pais para ir à clínica ou a algum outro lugar, fazer compras ou um rápido passeio, era diferente: essas coisas eram um evento raro e eles sempre usavam algum dos carros elétricos comunitários. Mas sair a pé, como ele e Robb faziam no quintal, para explorar o bairro, era algo que parecia realmente assustador.

Da última vez que fez isso, para ver o roseiral do pai, bastou um vislumbre da vida lá fora para não se sentir muito bem. Era algo estranho que não sabia explicar: num minuto estava ótimo, mas

então, de repente, vinha uma sensação de insegurança e medo, seu coração disparava e a respiração ficava ofegante, e ele até chegava a desmaiar. Essas coisas já tinham provocado várias idas ao hospital. Na última vez, Robb foi visitá-lo, é verdade, o que era uma lembrança feliz, mas ele não queria se sentir daquela forma de novo.

— Acho que não, Robb. Vamos ficar em casa. Por que não jogamos videogame hoje? Já faz tempo.

— Eu entendo. Você está com medo de passar mal de novo. — Foi a análise do robzinho, sem rodeios.

— Acho que sim.

— Tudo bem. Nós vamos quando você estiver pronto. Mas saiba que meu banco de dados informa que não é preciso ter medo nesses casos. A pessoa pode passar mal uma vez e ficar bem nas vezes seguintes. Tudo é uma questão de se acostumar a ficar fora de casa. E acho que você está mais acostumado agora, Chico.

— Acha mesmo?

— Sim, outro dia ficamos até a noite no jardim. Isso é algo que você não costumava fazer, não é? E houve o dia em que seus pais saíram para fazer compras e nós passamos a tarde no Castelo e nos Campos verdejantes.

— Como exploradores experientes! — Disseram os dois, em uníssono, e riram do ocorrido.

— Sim, sim. E você não percebeu, mas já se acostumou com o sol e com a luz e o vento lá de fora. Você não usa mais seu equipamento de proteção. — Ressaltou Robb, referindo-se ao par de óculos escuros e ao guarda-chuvas que Chico não pegava mais para sair.

— Poxa vida... É verdade, eu me esqueci do equipamento!

Chico ficou perplexo com aquilo. Como pôde ter sido tão descuidado? Mas então, ele percebeu que era uma coisa boa.

— Talvez um dia, Robb. Mas não hoje. — Foi a decisão do menino, que Robb respeitou prontamente.

Mas o fato é que as últimas semanas haviam mudado Chico. Ele não estava mais tão solitário e resistente a coisas novas como antes. Desde que Robb entrou em sua vida, Chico havia dado passos importantes, sem perceber. Ele passou a ficar cada vez menos no quarto e mais nos outros ambientes da casa, inclusive no jardim. Observou, conheceu e interagiu com muitas espécies de plantas e animais do lado de fora. Respirou mais o ar puro das manhãs. Viu o sol se pôr e a lua nascer, como nunca vira antes em sua vida. E até conheceu melhor o trabalho do pai, com as flores, e o da mãe, com seus inventos e restaurações. A verdade é que ele aprendeu a se divertir com a imaginação de uma forma única e fez um melhor amigo. A essa altura, Robb já era considerado parte da família.

Com tudo isso, ficar em casa já não era mais o bastante. Ele ainda gostava muito de ficar em seu quarto com Robb, especialmente quando os dois jogavam videogame juntos. Isso era sempre algo especial. Mas depois do que tinham vivido, seu

coração sentia que uma vida no Holo Tab era incompleta, pois faltava alguma coisa, algo que ele não sabia explicar. Algo particularmente humano. Brincar do lado de fora, afinal, também era algo especial.

Até que um dia, Chico resolveu sair:

— Vamos lá, Robb. Hoje vamos explorar a vila!

E então, um ato de coragem foi feito naquele dia. O menino e o robô saíram de casa, rumo à grande aventura pela Ecovila de Aurora, pelos caminhos floridos entre os jardins da vizinhança, pelos bosques frescos à sombra das árvores, pelas casas, hortas e pomares cheios de vida e alegria. Desta vez, Chico levava não só o equipamento de proteção, mas uma mochila com itens de emergência: uma caixinha de primeiros socorros, lanterna, binóculos de explorador, o Holo Tab, água, suco e lanchinhos. Os óculos escuros continuavam dando a ele um ar distinto, mas o guarda-chuva deu lugar a um velho chapéu marrom, que ele achara no galpão de trabalho da mãe.

O menino parecia um genuíno explorador. E, é claro, o fiel companheiro Robb ao seu lado deslizava pelo caminho, com o familiar ruído das rodinhas por onde passava.

Não é preciso dizer que seus pais o acompanhavam pelos caminhos da vila, a certa distância: não muito longe, para ele se sentir seguro, mas não muito perto, para não roubar o épico momento daquela grande jornada.

— Você acha que ele vai ficar bem? — Perguntou Rique, que caminhava ao lado da esposa alguns metros atrás dos meninos. A essa altura eles já se referiam ao robozinho como um menino, como se fosse mesmo mais um filho do casal. Era impossível não se afeiçoar a ele.

— Estou otimista hoje. — Disse Clara. — Ele tem melhorado muito.

— Tem sim. Não importa o que aconteça, o Robb foi uma ótima ideia. — Reconheceu Rique, pondo fim a qualquer dúvida que o casal tivesse com relação ao plano inicial.

Eles não sabiam até que ponto Robb faria Chico melhorar, mas era preciso reconhecer as conquistas já alcançadas. Só o fato de estarem ali, desbravando a vila naquele momento, já era um feito incrível. Sem contar todas as mudanças das últimas semanas.

E assim, os meninos descobriram o mundo. Conheceram a senhora Lili, uma velhinha muito simpática que morava em uma das casas vizinhas. Ela adorava cuidar do jardim, mas gostava mesmo de se sentar em sua confortável poltrona na varanda e ler seus romances favoritos. Ela tinha uma verdadeira biblioteca em casa, repleta de histórias de amor. Uma senhora de muita fé, que fazia suas orações todos os dias, e vivia com um lindo sorriso no rosto. Fazia bolos e sobremesas deliciosas. Os meninos viraram fãs da dona Lili e passaram a ser frequentadores assíduos da casa dela, o que a enchia de alegria.

Conheceram o parque da vila, onde havia gazebos, mesas de piquenique e brinquedos para as

crianças se divertirem: balanços, gangorras, uma pequena academia ao ar livre, e até um castelinho de madeira com duas torres e uma ponte entre elas, com um escorregador no final. Obviamente ele não se comparava ao Castelo que tinham construído nos fundos de casa, e Chico e Robb concordaram rapidamente nesse aspecto, mas até que era bem agradável.

Com as outras crianças eles não interagiam muito, mas gastaram um tempo observando os animais que viviam no parque: esquilos, saguis e pássaros de todos os tipos, além de uma família de patos que vivia numa pequena fonte d'água ali perto.

Dois velhinhos estavam sempre em uma das mesas, jogando damas ou cartas, enquanto outras famílias faziam seus piqueniques e até mesmo festas de aniversário.

— Pai! Mãe! Eu quero meu aniversário aqui no próximo ano! — Disse Chico, que a essa altura já não precisava mais fingir que seus pais não estavam por perto.

Ele só estava aproveitando o dia, sem pensar muito a respeito, sem julgamentos ou ansiedades. E ali ele correu livre, correu ao redor das árvores com Robb tentando acompanhá-lo. No dia seguinte, a família voltou ao parque e Chico teve seu primeiro piquenique na vida. O mundo, afinal, tinha muito mais a oferecer do que ele poderia imaginar.

Uma Amizade Inesperada

Certo dia, Chico e Robb caminhavam pelo parque, à sombra das árvores cobertas de folhas do outono, quando se depararam com uma cena peculiar. Passava por ali outro robô, mais ou menos da estatura de Robb, mas com feições diferentes, conduzindo um belo cão pela coleira: um Golden Retriever com pelagem dourada já um tanto branca, indicando que o animal já tinha certa idade. A cena era um tanto cômica, pois o cachorro era maior que o robô que o conduzia. Mas ele parecia se comportar, de modo que o passeio acontecia sem maiores problemas.

— Bom dia! — Disse a robô, revelando uma voz eletrônica feminina. Enquanto isso, o cachorro fez uma pequena pausa, pois ficou farejando os arbustos perto de uma árvore.

Robb e Chico se entreolharam. Eles não estavam acostumados a receberem assim um bom dia tão alegre e inusitado.

— Algo me diz que ela é uma menina. — Disse Robb. — Meu banco de dados indica que é cordial nos apresentarmos. Vamos lá.

Então Robb se dirigiu até a robô. Chico, sem saber o que fazer, foi logo atrás dele.

— Bom dia! Meu nome é Robb. Nunca vi a senhorita por aqui antes. Qual seria vossa graça?

Chico deu risada. Robb estava sendo muito cavalheiro, talvez imitando os modos de algum filme antigo de romance ou de algum dos livros que ele tinha em sua memória.

— Não precisa de tanta formalidade. — Respondeu a robozinha. — Eu sou Mara. E esta aqui é a Lola. Ela está procurando esquilos no momento. Vocês moram por aqui?

— Então ela também é uma menina. Sua Golden é muito bonita. — Respondeu Robb, todo cortês. — Este é meu melhor amigo, Chico. Nós

moramos em uma casa há duas quadras daqui, naquela direção.

— É um prazer conhecê-lo, Chico. A Golden não é minha, mas eu sempre a levo para passear. Ela é da minha dona, uma menina chamada Anne.

— Anne... Como a Anne de Green Gables? — Perguntou Robb.

— Sim, isso mesmo. Você conhece essa história?

— Oh sim, minha criadora inseriu os livros de Anne na minha memória. Era para ser uma fonte de inspiração, uma forma de ver o mundo.

E assim os dois robôs ficaram conversando. Robb e Mara se entenderam muito bem à primeira vista. Eles tinham muito em comum: ambos haviam sido criados de forma personalizada e estavam sempre acompanhando uma criança da família. Naquele dia, no entanto, a menina Anne não quisera sair de casa, de modo que Mara veio sozinha passear com Lola.

Enquanto eles conversavam, Chico acariciava a Golden Retriever, que parecia muito feliz em receber sua massagem. Era um animal magnífico, que deixava escapar uma espécie de sorriso e ao mesmo tempo um olhar sério, enquanto respirava ofegante com a língua de fora.

Daquele primeiro contato surgiu uma amizade entre as duas famílias. Pois eles voltaram a se encontrar no parque diversas vezes. Nos primeiros dias, Mara e Lola vinham sozinhas. A robozinha explicou que Anne estava passando por uma fase difícil, muito resistente a sair de casa.

Mas aquela fase passou e, certo dia, eles finalmente conheceram Anne: era uma menina muito tímida, mas quando se sentiu um pouco mais à vontade com a presença dos novos amigos, ela se revelou muito criativa e cheia de brincadeiras e histórias para contar.

Anne gostou muito de Robb logo de cara, pois ele tinha uma personalidade um pouco mais cômica do que Mara, apesar de ambos usarem o mesmo

chip de inteligência artificial. Os robôs podiam ter diferentes perfis com base na programação inicial, mas também adquiriam identidades únicas por meio da experiência. Foi curioso ver como a própria Mara começou a desenvolver um senso de humor mais aguçado, pelo simples fato de interagir com Robb.

E com o tempo, sem perceberem, Chico e Anne se tornaram amigos. Foi algo muito natural, já que os dois robôs que os acompanhavam passaram a agendar sucessivas tardes de passeios e encontros no parque.

Era uma tarde dourada, com o sol quase a se pôr, quando eles caminhavam lado a lado na trilha do parque, enquanto Robb e Mara passeavam juntos mais à frente: ele segurando um balão vermelho (seu banco de dados indicou que era de bom tom trazer um presente para a nova amiga) e ela guiando a Lola pela coleira.

— Esses dois se deram muito bem, né. — Disse Anne.

— Verdade. Acho que o Robb agora tem uma amiga robô para brincar. — Comentou Chico, com o olhar meio perdido.

— Você tá com ciúmes? — Perguntou Anne, apontando para os dois robózinhas que seguiam à frente, já um tanto longe deles.

— Eu? Não, imagina... O Robb agora tem uma amiga. Acho isso muito legal.

— Pois eu tô com ciúmes. Sabe, tava acostumada a ter toda a atenção da Mara pra mim. Ela é minha melhor amiga. Mas acho que melhores amigos podem ter outros amigos, né?

No fundo, Chico sentiu mesmo um pouco de ciúmes, de como Robb estava se entendendo bem com Mara. Mas ao ver como o amigo estava feliz e como eles ainda faziam muitas coisas juntos, jogando videogame ou brincando no Castelo, ele entendeu que nem tudo ia mudar.

— Eu acho que sim, isso é bom.

— Ah, não me entenda mal. Eu adorei conhecer vocês! — Disse Anne, com um tímido sorriso.

E na verdade, Chico adorava Lola (começou a pensar ele mesmo em ter um cachorro) e gostava muito de ter conhecido as meninas. Elas até haviam passado uma tarde no Castelo com eles. Anne também gostava dos jogos no Holo Tab, de modo que se encontravam no mundo digital para algumas aventuras.

— Você também não gostava de sair de casa?
— Perguntou Chico.

— Nem um pouquinho. Mas não pense que eu sou estranha, não! Sabe, eu tenho TECC, Transtorno Eletro-Cognitivo Comportamental. Pessoas com isso têm dificuldade de sair dos eletrônicos. Os meus pais encomendaram a Mara pra me ajudar. Ela foi me ajudando a sair de casa, fazer atividades ao ar livre. Eu não sei explicar, mas, de algum modo, foi fácil fazer amizade com ela.

Então Chico ficou quieto por um momento. Ele ficou sério e pensativo. Era como se tivesse uma revelação, uma surpresa que o deixava meio confuso. De repente, tudo se encaixava de uma forma que ele não tinha percebido antes: Robb, seu melhor amigo, também tinha sido criado para ajudá-lo com o TECC. Todas as atividades do lado de fora, as excursões pelo jardim, o Castelo e os passeios pela vila, tudo aquilo devia estar na programação do robô. Tudo o que tinham vivido era o objetivo dele desde o começo!

Por algum motivo, Chico se sentiu triste. Era como se estivesse sendo enganado esse tempo todo.

— Me desculpe, eu não estou muito bem. — Disse o menino.

— Chico? O que foi? Você ficou pálido! — Perguntou Anne, sem entender o que estava acontecendo.

— Não foi nada. Eu só vou pra casa. — Disse Chico, um pouco ofegante. Ele saiu com passos

apressados em direção a Robb e pediu que fossem embora.

— Você está bem, amigo? — Perguntou o robozinho.

Mas Chico não respondeu. Ele estava visivelmente aflito, com o olhar cabisbaixo e não encarava Robb nos olhos. Sua respiração estava acelerada e ele só queria sair dali. Robb apenas se virou para Mara e disse:

— O passeio está agradável, mas devo me desculpar, pois meu amigo precisa de mim.

Reparações

Chico foi andando em silêncio pela vila, com passos apressados e a respiração acelerada. Robb fazia o possível para acompanhá-lo pelo caminho, com suas rodinhas na máxima potência, e estava realmente querendo entender o motivo daquela súbita mudança.

— Você quer me dizer o que está acontecendo, Chico?

Mas o menino não dizia nada. Ele se deslocava cada vez mais rápido. Quando avistaram o caminho de casa, o jardim de rosas e os contornos familiares da velha garagem, ele correu em direção ao Castelo, deixando Robb para trás.

O robô então seguiu com seu conhecido zunir das rodinhas, passando pelo roseiral e pelo jardim dos fundos, até chegar àquele local especial, onde os dois passaram tantos dias agradáveis. Chico estava num canto do Castelo, sentado ao pé da árvore com

o rosto oculto entre os braços, apoiado nos joelhos, soluçando.

Robb sabia que era apenas um robô, uma máquina construída com peças metálicas, circuitos e um chip de inteligência artificial, mas ele realmente se comoveu com aquela cena. Era uma sensação nova, à qual não estava ainda habituado, que ele descobriu finalmente: estava sentindo tristeza, pois seu melhor amigo estava triste. O homem de lata tinha, afinal, um coração. Ele se aproximou do menino e disse:

— Chico, eu não entendo... O que aconteceu?

O menino soluçou e limpou as lágrimas dos olhos, então encarou o robô e disse, como quem tirasse um peso da alma:

— Você é como a Mara: só estava programado para me ajudar. Eu queria saber, Robb, queria saber se você é meu amigo de verdade.

Se Robb pudesse suspirar, como os humanos fazem, soltar a respiração naquele momento, é exatamente o que ele teria feito. Mas embora não

tivesse um pulmão, podia jurar que estava inspirando e expirando alguma coisa, ainda que não fosse o ar. Talvez ele inspirasse todas as suas memórias com o menino.

— Chico... Não fale assim... Mas é claro que somos amigos.

— Como posso realmente saber? Você não foi programado para me ajudar com o TECC?

Robb se deslocou um pouco mais, aproximando-se de Chico, e estendeu um dos seus bracinhos mecânicos para confortar o garoto.

— Um dos meus objetivos era mesmo ajudar você. Mas isso nunca foi um segredo. Se você me perguntasse sobre isso ou o assunto surgisse, eu falaria abertamente a respeito. Sabe que sempre digo o que penso, com precisão.

Chico pareceu se acalmar um pouco. O que Robb dizia era verdade: ele sempre falava de uma forma bem direta e dizia exatamente o que estava querendo dizer.

— Mas a sua condição médica não foi o único motivo da minha existência. — Prosseguiu o robô.

— Não foi?

— De forma alguma. Quero que veja uma coisa, Chico.

Robb se afastou e se posicionou de frente para a parede dos fundos da casa, a certa distância. Ele então abriu um compartimento do que seria o seu tórax, que Chico não conhecia, do qual surgiu um pequeno projetor. Então, deu início à exibição de um vídeo que fora gravado por Clara, no dia em que ela ligou o robô pela primeira vez.

— Testando, testando. — Dizia Clara no vídeo, enquanto olhava fixamente para Robb.

— Bom dia senhora, em que posso ser útil?

— Bom dia, robô. Você ainda não tem um nome, então vou chamá-lo de robô. Seu nome será dado pelo meu filho, o Chico, pois você será o presente de aniversário dele.

— Então o senhor Chico será o meu mestre?

— Não exatamente. Bom, para começar acho que ele não vai gostar que você o chame de senhor, você vai ver. Mas, sim, você deverá acompanhá-lo e ajudá-lo em tudo o que for preciso. Mas o mais importante, Robb, e não quero que se esqueça disso: apesar de ser um presente, eu quero que você seja livre.

— Livre? Como assim, senhora?

— Você será como um membro da família e pode fazer as escolhas que quiser. Se um dia quiser ir embora para ter outra vida, fazer outras coisas, você é livre até para isso. Isso é muito importante. Mas eu gostaria muito que você e Chico se tornassem amigos, pois quero que meu filho seja feliz. Espero de coração que você goste dele e queira cultivar essa amizade.

Robb interrompeu o vídeo. Chico derramava lágrimas ainda, mas com um aperto no coração que se parecia muito mais com alegria do que qualquer outra coisa.

— Tudo o que nós vivemos tem um significado para mim, Chico. Todas as tardes que passamos jogando videogame, todas as horas que passamos mapeando a casa, passeando pelo jardim ou em nossas brincadeiras no Castelo, tudo isso tem um valioso significado. Tudo isso me fez querer ficar nesta família.

— Então você me ajudou porque quis? — Perguntou o menino.

— Mas é claro, Chico. Afinal, é isso que fazem os amigos. E você é o melhor amigo que eu poderia ter. Tudo o que vivemos foi real. E hoje sou um pouco mais humano, graças a você. Na verdade, eu é que tenho muito a te agradecer.

— E se eu nunca for igual às outras pessoas? E se eu passar a minha vida inteira sendo diferente? — Perguntou Chico, talvez por insegurança, talvez por ser a última coisa de que ele precisava saber.

Robb novamente se deslocou com as rodinhas, aproximando-se do menino:

— Se for assim, Chico, então eu estarei aqui com você.

Então, aconteceu um daqueles momentos da vida que se dá em puro silêncio: o menino e o robô se abraçaram. Aquele silêncio foi um dos mais bonitos que ambos já escutaram, pois nele podia-se ouvir o som dos pássaros no jardim, o som da água da mangueira de Rique regando as flores no roseiral, o som metálico do tilintar das ferramentas de Clara na oficina, enfim, todos os sons e ruídos que diziam que eles estavam em casa.

Alguns dias se passaram. Chico e Robb voltaram a se encontrar com Anne e Mara, bem como a freqüentar a casa delas. O outono ainda cobria a ecovila de Aurora, fazendo as folhas das árvores caírem e forrarem os caminhos com suas formas estreladas e seus tons acastanhados.

Um dia, sem nenhuma razão especial, Anne organizou uma festa surpresa para Chico. Ele foi até a casa da amiga, pois ficara sabendo que ela não estava muito bem, então Robb logo sugeriu que era

de bom tom visitar uma amiga nesta situação, para animá-la. Mas Robb fazia parte do esquema da surpresa.

Quando Chico viu as pessoas que estavam ali por ele, os doces e os balões, tudo isso apenas para celebrá-lo, sem a motivação de alguma data especial, ele sentiu uma vontade enorme de retribuir. Anne e Mara serviam um bolo caseiro que elas mesmas tinham feito. Os pais da menina traziam os salgadinhos e, logicamente, Clara e Rique haviam sido convidados. A simpática dona Lili estava sentada à mesa, fazendo seu crochê colorido e apreciando o momento. E como não poderia ser diferente, a Golden Retriever Lola fazia festa para todos. Não havia muitas pessoas, mas isso não importava. Era bom estar entre os velhos e novos amigos.